

SINERGIA

REVISTA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS (ICEAC)

EXPLORANDO A RELAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR FINANCEIRO, AUTOCONTROLE E COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR

CRISIANE TEIXEIRA DA SILVA^{*}
ALEXANDRE CORRÊA DOS SANTOS^{**}
TARCÍSIO PEDRO DA SILVA^{***}

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre o bem-estar financeiro e autocontrole no comportamento do consumidor, moderado por traços de personalidade e educação financeira. Para isso, utiliza a abordagem metodológica quantitativa, descritiva e exploratória e quantitativa. Os dados foram coletados por meio de questionário estruturado aplicado a indivíduos de universidades públicas das regiões sul e norte do Brasil. As regressões para análise dos dados foram executadas no *software* SPSS, versão 23. Os resultados indicam que o bem-estar financeiro não influencia o autocontrole no comportamento do consumidor, quando medido como uma variável independente presente nas pessoas, no entanto, quando moderado pelas variáveis educação financeira e traços de personalidade, adquire uma condição de influência positiva. A relação entre as variáveis subjetivas, de origem cognitiva e comportamental, pode ajudar a minimizar o efeito de problemas econômicos atuais, quer no nível individual ou coletivo. Um desses problemas, de acordo com Campbell (2018), é a questão do consumismo, na qual as teorias econômicas tradicionais não têm sido eficazes para explicar a origem e a direção dos inúmeros novos desejos dos consumidores, pois estão focadas nas ideias de instinto e a intenção de superar os pares.

Palavras-chave: Bem-estar financeiro; autocontrole e comportamento do consumidor; educação financeira.

Abstract

This research aims to analyze the relationship between financial well-being and self-control in consumer behavior, moderated by personality traits and financial education. For this, it uses the quantitative, descriptive, exploratory and quantitative methodological approach. Data were collected through a structured questionnaire applied to individuals from public universities in the southern and northern regions of Brazil. The regressions for data analysis were performed using SPSS software, version 23. The results indicate that financial well-being does not influence self-control in consumer behavior, when measured as an independent variable present in people, however, when moderated by the variables financial education and personality traits, acquire a condition of positive influence. The relationship between subjective variables, of cognitive and behavioral origin, can help to minimize the effect of current economic problems, either at the individual or collective level. One of these problems, according to Campbell (2018), is the issue of consumerism, in which traditional economic theories have not been effective in explaining the origin and direction of countless new consumer desires, as they are focused on ideas of instinct and the intention to outperform peers.

Keywords: Financial well-being; self-control in consumer behavior; financial education.

Recebido em: 28-06-2023 Aceito em: 27-03-2024

1 INTRODUÇÃO

O bem-estar tem sido objeto de estudo em diversas áreas, notadamente na psicologia empírica (Ryan & Deci, 2001). Recentemente, tem recebido atenção no campo da economia comportamental (Neve, Ward, Keulenaer, & Landeghem, 2018; Benjamin, Cooper, Heffetz, 2017; Deaton, 2011) e nas áreas de sociologia e finanças (Mogilner, Whillans, & Norton, 2018; Gutter, & Copur, 2011), com ênfase no bem-estar financeiro (BEF) de indivíduos e grupos, dividido entre subjetivo e objetivo.

Ao bem-estar subjetivo (BES), uma conceituação mais abrangente é proposta por Diener, Suh, Lucas e Smith (1999) e por Dolan e White (2008). Essa reflete as tendências sociais relativas ao valor atribuído pelo indivíduo e suas visões subjetivas sobre a avaliação da vida, reconhecendo que o bem-estar inclui elementos positivos que transcendem a prosperidade econômica. Analisar fenômenos reais a partir de fatores subjetivos requer uma abordagem mais abrangente, capaz de capturar questões não financeiras,

^{*} Doutoranda em Contabilidade pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Contabilidade pela Universidade Regional de Blumenau. E-mail: crisiane.silva26@gmail.com

^{**} Doutor contabilidade e administração pela Universidade Regional de Blumenau.

^{***} Doutor em Ciências Contábeis e Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (PPGCC/FURB).

como argumentado por Brügger, Hogreve, Holmlund, Kabadayi e Löfgren (2017). Portanto, uma abordagem subjetiva é mais adequada para definir e medir um fenômeno pessoal e complexo como o BEF.

O BEF subjetivo não é considerado um reflexo direto da renda dos indivíduos (Macdonald & Douthitt, 1992; Stutzer, 2004). De fato, Diener e Diener (2002) concluíram que aumentos salariais podem prever uma redução no bem-estar. Eles sugerem que a busca pelo equilíbrio social é necessária, caso contrário, pode ocorrer uma diminuição do nível de bem-estar relacionado a outros fatores, como os aspectos relacionados às relações sociais (Diener e Seligman, 2004).

Por sua vez, o rótulo "bem-estar objetivo" tem sido mais explorado no campo econômico, relacionando-se a medidas financeiras objetivas, como receitas e despesas. Segundo Gasper (2005), é importante utilizar esse rótulo com cautela, pois não se refere ao método de mensuração, mas sim ao que está sendo medido, se são sentimentos ou não. Assim, o rótulo fornece evidências da posição financeira dos indivíduos (Bruggen et al., 2017).

Na literatura, ambas as abordagens têm sido amplamente utilizadas, embora estudos empíricos tenham mostrado resultados contraditórios. Por exemplo, Rosell, Tortora e Bird (2018), em seu estudo sobre a relação entre o bem-estar subjetivo (BES) e formulações políticas, realizado em 153 países distribuídos em dez regiões geopolíticas, constataram que o bem-estar material é o principal determinante do BES, expresso principalmente por meio dos sentimentos em relação à renda familiar.

No presente estudo, delimitamos a abordagem relacionada ao bem-estar financeiro subjetivo e exploramos sua possível influência no autocontrole no comportamento de consumo das pessoas (SCCB), moderado por variáveis de educação financeira e traços de personalidade. A escolha dessa abordagem decorre da compreensão da relação entre os fenômenos subjetivos abordados neste estudo, uma vez que pode ajudar a minimizar os efeitos dos problemas econômicos atuais, tanto em nível individual quanto coletivo. Um desses problemas, conforme apontado por Campbell (2018), é a questão do consumismo, para a qual as teorias econômicas tradicionais não têm sido eficazes em explicar a origem e a direção dos infinitos novos desejos dos consumidores, baseados apenas nas ideias de instintivismo, manipulação e desejo de superar os pares.

Nesse caso, Kahneman e Krueger (2006) sugerem que os relatórios diretos do BES podem desempenhar um papel útil na mensuração das preferências do consumidor e do bem-estar social. Além disso, as recorrentes crises financeiras globais dos últimos anos têm gerado desequilíbrios no consumo, impactos no aumento da inflação e riscos de poupança (Gonza & Burger, 2017). Nesse caso específico, o presente estudo contribui ao tentar revelar comportamentos individuais e tendências de grupos, servindo como um indicador para a formulação de políticas públicas específicas, que podem inclusive auxiliar na redução de patologias humanas, como depressão e compulsão.

Os problemas de consumo podem ser minimizados por meio da educação financeira (EF). Essa variável subjetiva contribui positivamente para o BEF quando adotada em programas que enfatizam a adoção de ações que estimulem a prevenção de comportamentos financeiros arriscados e visem melhorar a autoeficácia financeira (Kumar, Pillai, Kumar & Tabash, 2023).

Como resultado, a EF formal em escolas, comunidades e locais de trabalho (Mpaata, Koske & Saina, 2023) pode melhorar as finanças pessoais, o orçamento, a aposentadoria, a poupança e contribuir para a conquista da casa própria. Escolhas financeiras corretas, influenciadas pela EF, favorecem a redução da dependência da dívida, melhoram a gestão financeira e o comportamento de pagamento das dívidas (Brown et al., 2016). Assim, é possível hipotetizar que indivíduos que acreditam ter um maior nível de educação financeira também apresentam maiores níveis de BEF e SCCB.

O comportamento de autocontrole no consumo, esperado nesse contexto, é uma variável subjetiva e individual que pode afetar positiva ou negativamente o contexto financeiro das famílias e das contas públicas, gerando efeitos macroeconômicos (Haws, Bearden e Nenkov, 2012). Representa a substituição de uma resposta inicial (desejada) em um processo de escolha por outra resposta controlada para se adequar ao contexto, o que pode gerar mecanismos de autocontrole das ações (Silva, 2018). Em síntese, Tangney, Baumeister e Boone (2004) definem autocontrole como a capacidade do indivíduo de resistir à tentação, manter uma boa autodisciplina e romper com hábitos negativos, o que, no contexto deste estudo, está relacionado ao consumo disfuncional.

No entanto, o julgamento pessoal será preditivo da ação e, portanto, é possível acreditar que há um senso de decisão formado nos indivíduos que pode se manifestar por meio de traços de personalidade. Nesse sentido, Diener, Su, Lucas e Smith (1999) enfatizam que os traços de personalidade são um dos preditores mais fortes e consistentes do BES. Além disso, Sontic, Czap e Fuerst (2017) indicam que os cinco grandes traços de personalidade ajudam a explicar por que certos indivíduos optam por investimentos opostos/contraditórios, mesmo quando possuem condições financeiras praticamente idênticas.

O estudo proposto busca preencher a lacuna de pesquisa existente ao explorar de forma abrangente a relação entre o bem-estar financeiro (BEF) e o autocontrole no comportamento de consumo (SCCB), moderado por traços de personalidade e educação financeira. A questão de pesquisa central é investigar a relação entre o

BEF e o SCCB em indivíduos, considerando a influência de variáveis comportamentais.

A contribuição científica desse estudo reside na possibilidade de avançar na compreensão da influência dos traços de personalidade relacionados ao endividamento e às atitudes monetárias. Estudos anteriores indicaram relações positivas com o primeiro e negativas com o último (Norvilits, Szablickj e Wilson, 2003). Nesse campo, a pesquisa revelou a existência de efeitos dos traços de personalidade no comportamento de negociação e no desempenho das ações dos investidores (Kourtidis, 2017). No entanto, esses efeitos podem ser moderados por outras variáveis, que este estudo se propõe a investigar.

No contexto das políticas públicas, essa pesquisa contribui para a compreensão dos fatores pessoais subjetivos relacionados aos traços de personalidade que podem afetar o nível de bem-estar financeiro coletivo e gerar disfunções no comportamento de consumo dos cidadãos. Assim, o estudo pode identificar potenciais problemas e contribuir para o desenvolvimento de intervenções públicas na área financeira, como programas de educação financeira, para melhorar o comportamento do consumidor (Bruggen et al., 2017).

Além disso, no contexto macroeconômico, a pesquisa pode contribuir para a redução dos gastos públicos, uma vez que níveis melhores de educação financeira e equilíbrio no consumo podem diminuir a dependência dos cidadãos em relação aos recursos públicos, proporcionando autonomia e satisfação financeira individual ou coletiva (Norvilits et al., 2003).

Espera-se que as relações entre as variáveis analisadas neste estudo - BEF, traços de personalidade, educação financeira e SCCB - forneçam insights para que as pessoas busquem a educação financeira como fonte de bem-estar financeiro e equilíbrio no consumo.

O trabalho está estruturado em cinco seções: introdução, revisão da literatura para detalhar as inter-relações entre as variáveis, descrição metodológica do estudo, apresentação dos resultados e discussão das descobertas, e, por fim, as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de bem-estar financeiro (BEF) apresenta um desafio devido à falta de uma identidade clara e um quadro consolidado (Nanda & Banerjee, 2021). Até o momento, as causas e consequências do BEF ainda não são amplamente conhecidas e exploradas na literatura de finanças comportamentais. No entanto, Brüggem e colaboradores (2017) propõem uma nova definição e estrutura do BEF, que inclui três dimensões básicas relacionadas aos fatores pessoais dos indivíduos: sua posição em relação aos valores sociais, a dimensão temporal abrangendo presente e futuro, e a liberdade de tomar decisões financeiras.

Esse novo enquadramento do BEF leva os indivíduos a refletir e autoavaliar não apenas sua própria situação, mas também a situação de outros indivíduos e seus valores, considerando a dimensão do tempo para refletir suas expectativas futuras.

Nesse contexto, os traços psicográficos (TP) desempenham um papel importante, pois têm um poder explicativo significativo na identificação da personalidade dos indivíduos e podem interferir nos processos cognitivos, emocionais e atitudinais relacionados à tomada de decisão (Giglio, 2011). Barrafrém, Västfjäll e Tinghög (2020) afirma que os efeitos fixos do bem-estar são mais bem compreendidos por meio da identificação de variáveis de personalidade, incluindo o comportamento econômico dos indivíduos, como renda e habilidades de gerenciamento de recursos.

Saucier (1994) descreve os traços psicográficos através de cinco grandes categorias, conhecidas como "os Cinco Grandes": extroversão, socialização, conscienciosidade, neuroticismo ou estabilidade emocional, e abertura à experiência. A extroversão refere-se à capacidade de ser mais sociável e focado nas outras pessoas, e essa característica pode levar à impulsividade e ambição na tomada de decisões (Watson e Clark, 1997). A agradabilidade está relacionada à capacidade de ser amigável, simpático e cooperativo com os outros (Judge, Higgins e Barrick, 1999). A conscienciosidade refere-se à capacidade de refletir sobre um fenômeno antes de tomar uma decisão, envolvendo o grau de autocontrole do indivíduo em relação a realização, ordem e persistência (Costa, McCrae e Dye, 1991). O neuroticismo geralmente se refere à falta de ajustamento psicológico positivo e estabilidade emocional (Judge et al., 1999). A abertura à experiência indica a disposição do indivíduo em assumir novos desafios, tanto na vida pessoal quanto financeira.

Devido à sua abrangência explicativa, os traços psicográficos auxiliam nas pesquisas para compreender características específicas, o que favorece a compreensão dos traços heterogêneos de cada indivíduo que influenciam o bem-estar financeiro (BES) (Diener et al., 1999). Um estudo conduzido por Aren e Hamanci (2020) investigou a relação entre os efeitos da alfabetização subjetiva e financeira, foram investigados os cinco grandes traços de personalidade. Os resultados revelaram que dois traços de personalidade (neuroticismo e abertura) e duas emoções (medo e tristeza) foram determinados como preditores de aversão ao risco. Para intenção de investimento de risco, aversão ao risco, foram encontrados dois traços de personalidade (neuroticismo e abertura). Isso indica que os traços psicográficos diferenciam as pessoas em relação a suas atitudes e percepções de risco financeiro em determinados negócios.

Esses achados demonstram que o bem-estar financeiro está relacionado a uma melhor percepção individual de satisfação com a vida financeira e à avaliação global da vida, conforme Ponchio, Cordeiro e Gonçalves (2019). No entanto, não necessariamente inclui elementos positivos que transcendem a prosperidade econômica. Por exemplo, o estudo de Diener e Diener (2002) concluiu que aumentos salariais predizem uma redução no bem-estar e sugerem a existência de um ponto de equilíbrio no qual os indivíduos evitam o endividamento e buscam viver da melhor maneira possível, não apenas em busca de riqueza material.

De acordo com a literatura, o bem-estar financeiro está associado à satisfação com a vida, embora não esteja diretamente relacionado ao nível de renda. O bem-estar financeiro também revela traços psicográficos e percepções subjetivas de cada indivíduo, os quais podem influenciar atitudes e, consequentemente, afetar o comportamento de consumo e a liberdade de escolha nas compras. Portanto, a seguinte hipótese de pesquisa é apresentada:

H1: O bem-estar financeiro está positivamente relacionado ao autocontrole no comportamento do consumidor.

H1a: O bem-estar financeiro, quando moderado por traços de personalidade, está positivamente relacionado ao autocontrole no comportamento do consumidor.

Essas hipóteses sugerem que um maior nível de bem-estar financeiro está associado a um maior autocontrole no comportamento do consumidor. Além disso, argumenta-se que os traços de personalidade podem moderar essa relação, ou seja, a influência dos traços psicográficos na relação entre o bem-estar financeiro e o autocontrole pode ser significativa.

Essas hipóteses podem ser testadas empiricamente por meio de estudos que investigam a relação entre o bem-estar financeiro, o autocontrole e os traços de personalidade, utilizando métodos e técnicas apropriados da pesquisa científica.

De fato, a relação entre traços de personalidade (TP) e bem-estar financeiro (BEF) pode ser mediada por outras variáveis que são discutidas na literatura. Um estudo relevante nesse contexto é o trabalho de Kristoffersen (2018), no qual a educação financeira (EF) é considerada como uma variável preditora do BEF, enquanto o TP é controlado como uma variável de controle. Nesse estudo, foi observada uma inter-relação entre os três fatores, sendo que o efeito dos traços de personalidade na satisfação com a vida foi mais significativo do que em relação ao conhecimento sobre educação financeira. Essa relação entre EF, TP e BEF será abordada com mais detalhes na próxima seção deste artigo.

2.2 Educação Financeira

A educação financeira (EF) abrange duas dimensões igualmente importantes. A primeira dimensão é o conhecimento financeiro individual, que se refere à compreensão de conceitos financeiros e habilidades relacionadas. A segunda dimensão envolve a aplicação pessoal desse conhecimento em finanças, ou seja, a capacidade de utilizar as informações financeiras de forma consciente para tomar decisões relacionadas ao planejamento financeiro, acumulação de riqueza, endividamento e pensões (Mpaata et al.2023).

Assim, a educação financeira abrange tanto uma perspectiva econômica, baseada em métricas financeiras objetivas, que busca avaliar a eficácia da educação financeira, quanto uma perspectiva psicológica, que busca compreender as disfunções no comportamento financeiro relacionadas a fatores comportamentais individuais.

Não se tem um consenso sobre a eficácia total da educação financeira em relação às atitudes financeiras das pessoas (Dinegde, Bekele & Sima, 2022). Kuma et al., (2019) destacam que o sucesso da educação financeira é influenciado por questões contextuais e comportamentais. Mesmo que mecanismos efetivos de educação financeira sejam desenvolvidos, não é possível garantir que pessoas carentes de educação financeira irão buscá-la e utilizá-la adequadamente.

Essas considerações mostram a importância de abordar tanto a dimensão econômica quanto a dimensão psicológica da educação financeira para promover um comportamento financeiro saudável e melhorar o bem-estar financeiro dos indivíduos.

A preocupação levantada por Hastings e colaboradores (2013) está centrada nos resultados financeiros alcançados por indivíduos, os quais podem melhorar sua situação econômica e, por consequência, produzir mudanças socioeconômicas. Por outro lado, o estudo realizado por Bruhn, Leão, Legovini, Marchetti e Zia (2016) investigou o impacto de um programa de educação financeira aplicado no Brasil e encontrou resultados mistos. Embora tenha havido uma melhora significativa na poupança e no orçamento dos alunos, observou-se um aumento no uso de cartões de crédito para compras de alto valor. Esses estudos reforçam a ideia de que a educação financeira precisa ser efetiva, formativa e capaz de produzir resultados individuais em longo prazo.

He, Meier e Sprenger (2013) afirmam que muitas pessoas permanecem analfabetas financeiramente, mesmo diante dos benefícios de estarem informadas financeiramente. O estudo realizado

por Fernandes, Lynch Junior e Netemeyer (2014) aponta que as intervenções para aumentar a educação financeira explicam apenas 0,1% da variância nos comportamentos financeiros estudados, o que indica a necessidade de analisar complementos da educação financeira que preencham a lacuna entre conhecimento financeiro e mudança de comportamento (Carpena, Cole, Shapiro e Zia, 2017). É de mencionar que países que aumentaram o nível de educação financeira, contudo o comportamento poupador continuou a ser uma dificuldade (Morgan & Trinh, 2019).

As mudanças comportamentais decorrentes da educação financeira podem melhorar a compreensão dos produtos, conceitos e riscos financeiros, estimulando assim um comportamento consciente por parte do consumidor e refletindo no seu bem-estar financeiro (Dinegde et al., 2022)). Com base nos benefícios esperados pela OCDE (2005), a educação financeira é atrativa e é importante, tanto do ponto de vista econômico quanto social, verificar, por meio da segunda hipótese deste estudo, se no Brasil a educação financeira, conceito pouco aplicado formalmente, apresenta poder estatístico para explicar o comportamento do consumidor.

H2: O bem-estar financeiro, moderado pela educação financeira, está positivamente relacionado ao autocontrole no comportamento do consumidor.

Caso tal relação seja encontrada, a medida da educação financeira pode servir como um indicador para intervenções no consumo, permitindo prever o comportamento esperado dos consumidores. Isso torna a educação financeira uma ferramenta relevante tanto para o poder público quanto para as empresas privadas, fornecendo informações importantes.

2.3 Autocontrole no Comportamento do Consumidor

O comportamento do consumidor pode estar relacionado a fatores subjetivos de difícil mensuração, como o autocontrole. Segundo Mpaata et al., 2023, o autocontrole está associado a um maior bem-estar psicológico, maior sucesso acadêmico, melhores relações interpessoais, entre outros fatores.

Nesse contexto, o estudo de Mao, Pan, Zhu, Yang, Dong e Zhou (2018) analisou o efeito mediador do autocontrole na relação entre traços de personalidade (abertura à experiência, conscienciosidade e neuroticismo) e impulsividade. O estudo enfatizou que o autocontrole pode ser um mecanismo que explica como os traços de personalidade dos indivíduos influenciam atitudes impulsivas. Embora essa relação pareça complexa, é possível argumentar, por analogia, que pode haver uma relação entre o bem-estar financeiro e o autocontrole no consumo, uma vez que a impulsividade também está presente no comportamento do consumidor.

Além disso, o presente estudo baseia-se nas perspectivas de Haws et al. (2012) e Hoch & Loewenstein (1991). Esses autores consideram que o autocontrole está relacionado ao consumo como uma disputa de poder entre vontade e desejo, resultante de preferências inconsistentes ao longo do tempo. Envolve o monitoramento, a manutenção de padrões claros e a capacidade de regular o comportamento financeiro. Levando em conta os conflitos que afetam o autocontrole no consumo dos indivíduos, é possível que o bem-estar financeiro não reflita, em todos os momentos e para todas as classes sociais, uma medida dissociada do comportamento disfuncional de consumo. Isso significa que indivíduos com melhores níveis de bem-estar financeiro podem incorrer em comportamentos de consumo descontrolados, fato que pode ser explicado pelo comportamento de autorregulação nas decisões de gastos (Haws et al., 2012).

Dentre os fatores relacionados ao comportamento financeiro geral, o autocontrole no consumo desempenha um papel crucial, uma vez que o seu desequilíbrio em grande escala pode afetar negativamente as economias dos países e exigir intervenções governamentais (Zelege & Endris, 2019). Para ilustrar essa questão, o estudo de Ein-Gar, Goldenberg e Sagiv (2012) investigou o comportamento do consumidor em relação a produtos enganosos e constatou que consumidores com baixo autocontrole tendem a consumir mais produtos enganosos que prometem benefícios imediatos em detrimento de produtos que prometem benefícios futuros.

Strömbäck, Lind, Skagerlund, Västfjäll e Tinghög (2017) examinaram as características psicológicas que influenciam o comportamento financeiro positivo e o bem-estar financeiro dos indivíduos. Eles destacaram que pessoas com maior autocontrole são mais propensas a economizar dinheiro, apresentar comportamento financeiro mais saudável, sentir menos ansiedade em relação a questões financeiras e ter maior confiança em relação à sua situação financeira atual e futura. Com base nos pressupostos desses estudos, é possível inferir que existe uma relação a ser investigada entre o comportamento de consumo e o autocontrole dos indivíduos. Essa relação será explorada na seguinte hipótese:

H3: O bem-estar financeiro, moderado por traços de personalidade e educação financeira, está positivamente relacionado ao autocontrole no comportamento do consumidor.

Essa relação pode contribuir para estimular os indivíduos a tomarem decisões de consumo mais conscientes e racionais, o que, por sua vez, pode promover a sustentabilidade do planeta e melhorar a saúde mental e física das pessoas.

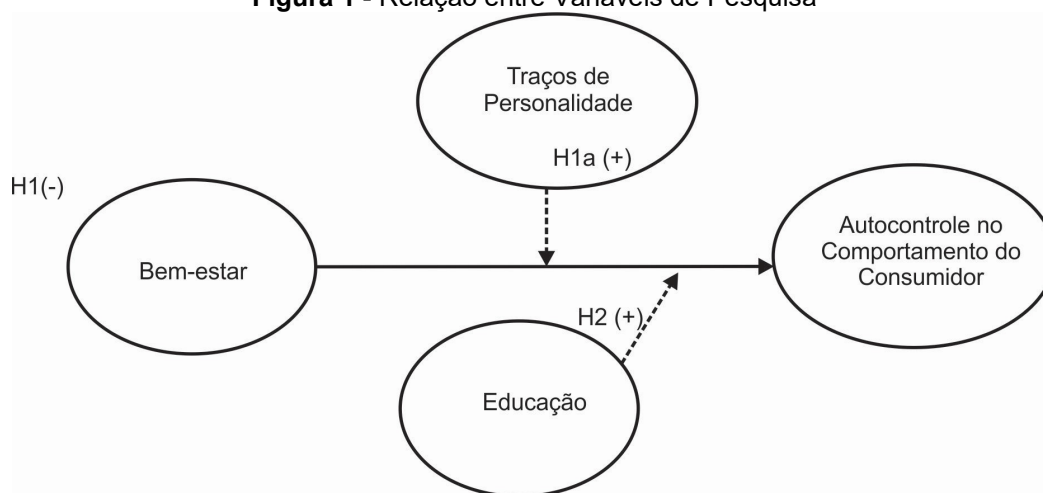
3 METODOLOGIA

A amostra da pesquisa é composta por estudantes de universidades públicas e privadas do Brasil, caracterizando assim uma amostra de conveniência considerando que os pesquisadores tiveram contato nessas instituições de ensino. Além disso, foram enviados para diferentes regiões do país, o que possibilita conhecer o conhecimento de finanças pessoais de pessoas de outras localidades, não apenas do sul do país. Para considerar os problemas de regionalidade, a amostra inclui estudantes de graduação das regiões Sul e Sudeste do Brasil, considerados a maior renda per capita, e estudantes da região Norte, onde as desigualdades sociais são estatisticamente maiores, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A amostra é composta por 196 estudantes de graduação.

Os dados foram coletados por meio de questionários estruturados com questões de escala Likert de 5 pontos. Tal instrumento foi escolhido porque sua eficácia foi previamente testada, e respostas mais uniformes são recebidas. Esse questionário foi construído no GoogleForms© e enviado eletronicamente de 21 de setembro a 30 de outubro de 2018.

O desenho metodológico baseou-se nas quatro variáveis comportamentais listadas na Figura 1, pesquisadas no quadro teórico. Vale ressaltar que a intenção é verificar as inter-relações das variáveis e encontrar uma relação causal com o comportamento do consumidor. Para isso, considera-se que essas variáveis são comportamentais, sendo este estudo exploratório de natureza, utilizando procedimentos de pesquisa que geram dados quantitativos.

Figura 1 - Relação entre Variáveis de Pesquisa



Fonte: Os autores

A Tabela 1 apresenta que foram empregados quatro questionários estruturados para este estudo. Para medir o bem-estar financeiro, foi adotado instrumento Norvilits e colegas (2003) para captar a dimensão subjetiva do bem-estar dos indivíduos. Depois de analisarmos a análise fatorial e considerarmos apenas questões com cargas acima de 0,50, restou três questões de bem-estar financeiro adequadas para o estudo.

Tabela 1 - Construção de Pesquisa

Instrumentos	Autores	Função
Bem-estar financeiro (BEF)	Norvilits et al. (2003)	Para medir o bem-estar subjetivo
Autocontrole no comportamento do consumidor (SCCB)	Haws et al. (2012)	Para capturar o autocontrole do consumidor
Traços de personalidade (TP)	Brown e Taylor (2014)	Para caracterizar traços de personalidade
Educação financeira (EF)	Perry e Morris (2005)	Para medir o nível de educação financeira

Fonte: Baseado em Norvilits et al. (2013), Haws et al. (2012), Brown e Taylor (2014), e Perry e Morris (2005).

Portanto, a Tabela 1 apresenta os elementos que compõem a construção deste estudo, segundo a literatura que sustenta sua validação. Para investigar o nível de educação financeira de acordo com a percepção subjetiva dos indivíduos, utilizou-se um conjunto de perguntas do instrumento de Perry e Morris (2005) e apresenta cinco questões.

Para capturar as dimensões dos traços de personalidade, adotou-se o instrumento Brown e Taylor (2014) (3 perguntas para cada dimensão) para caracterizar e permitir que os indivíduos sejam classificados em um dos cinco principais traços de personalidade. Como principal variável de interesse neste estudo, o autocontrole no comportamento do consumidor foi medido utilizando-se o instrumento Haws e colegas (2012) que busca captar o autocontrole no consumo de uma perspectiva pessoal. O instrumento original consiste em 10 questões, mas neste estudo, excluímos uma questão com carga fatorial inferior a 0,50.

Vale destacar que, para garantir a validade da tradução do conteúdo do questionário em português, fornecemos a versão em português para especialistas da área e negócios e educação para obter feedback e comentários sobre a adequação da redação e a usabilidade dos itens. A partir do retorno e alteração, procedeu-se para aplicação instrumento de pesquisa como teste piloto com alunos do curso da área de negócios de uma instituição de ensino.

3.1 Tratamento de Dados e Modelo Econométrico

Os dados coletados foram tratados no software Do Microsoft Excel®. Foram excluídas as respostas do questionário com opções não respondidas. Além disso, as questões com escalas inversas foram tratadas uniformemente. Na primeira etapa, as diferentes questões de cada construto foram tratadas por meio da Análise de Fatores com método de extração de componentes principais, o que resultou em um único fator com variância comum, a fim de equilibrar o peso total dos construtos e facilitar a medição das variáveis analisadas (Fávero, Belfiore, Silva e Chan, 2009).

Em seguida, foi realizado o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov, em que evidenciou uma distribuição normal das variáveis a um nível de 5% (p-value < 0.05). Além disso, os dados foram analisados utilizando-se o teste de Spearman para verificar a correlação dos dados analisados no nível de significância de 0,01.

Posteriormente, a regressão linear múltipla dos dados foi executada no software SPSS®, versão 23, uma vez que oferece uma maneira eficaz de verificar a relação entre a variável dependente e as variáveis independentes. Na etapa final, realizou-se a análise das variáveis em três modelos econométricos diferentes.

O Modelo 1 busca responder à hipótese H1 que se refere à relação direta entre o autocontrole no comportamento do consumidor (SCCB) e o bem-estar financeiro (BEF). Está representado na Equação 1:

$$SCCB = \beta_0 + \beta_1 BEF + \epsilon \quad (1)$$

O Modelo 2 apresenta o resultado das moderações que buscam analisar como o SCCB é afetado pela moderação entre BEF (Bem-estar Financeiro) e TP (Traços de Personalidade; TP1 - consciência, TP2 - extroversão, TP3 - desapropriedade, TP4 – neuroticismo, e TP5 - abertura à experiência). A equação 2 representa o modelo.

$$SCCB = \beta_0 + \beta_1 BEF + \beta_2 TP1 + \beta_3 TP2 + \beta_4 TP3 + \beta_5 TP4 + \beta_6 TP5 + \beta_7 BEF * TP1 + \beta_8 BEF * TP2 + \beta_9 BEF * TP3 + \beta_{10} BEF * TP4 + \beta_{11} BEF * TP5 + \epsilon \quad (2)$$

Posteriormente, testou-se a moderação das variáveis BEF (Bem-estar Financeiro) e EF (Educação Financeira) para analisar seu efeito no SCCB. Para atingir tal objetivo, apresenta-se o Modelo 3 e a Equação 3:

$$SCCB = \beta_0 + \beta_1 BEF + \beta_2 FE + \beta_3 BEF * EF + \epsilon \quad (3)$$

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta, em primeiro lugar, as simples estatísticas descritivas e correlações entre as variáveis analisadas. Em segundo lugar, apresenta os resultados dos modelos de regressão múltipla e as inter-relações das variáveis. E, finalmente, os achados são discutidos à luz da literatura.

Quanto às estatísticas descritivas apresentadas na Tabela 2, há dados sobre as médias, desvios padrão e as correlações entre as variáveis por meio do teste de Spearman. Verificou-se que os valores dos desvios-padrão não eram elevados, de modo que os resultados obtidos a partir da análise preliminar não representam um problema para a análise dos dados.

As informações médias estão de acordo com o padrão de construção único obtido a partir da análise dos principais componentes, adotado para a elaboração de um único fator de variância comum. Na versão 23 do software SPSS, foi realizada a correlação de Spearman e estatísticas descritivas.

Tabela 2 - Estatística descritiva e Análise de Correlação

ONDE	SCCB	BEF	EF	PT1	TP2	TP3	TP4	TP5
SCCB	1,000	-0,262**	0,346**	0,387**	-0,106	0,118	-0,169*	0,078
BEF	-0,262**	1,000	-0,142*	-0,250**	0,027	-0,063	0,214**	-0,108
EF	0,346**	-0,142*	1,000	0,272**	-0,028	0,144*	-0,280**	0,001
TP1	0,387**	-0,250**	0,272**	1,000	0,092	0,287**	-0,206**	0,152*
TP2	-0,106	0,027	-0,028	0,092	1,000	0,165*	-0,027	0,352**
TP3	0,118	0,214**	0,144*	0,287**	0,165*	1,000	-0,305**	0,284**
TP4	-0,169*	-0,108	0,001	-0,206**	-0,027	-0,305**	1,000	-0,092
TP5	0,078	-0,142*	0,346**	0,152*	0,352**	0,284**	-0,092	1,000
Amostra Total						196		

Variáveis: SCCB (autocontrole no comportamento do consumidor), BEF (bem-estar financeiro), EF (educação financeira), TP (traço de personalidade), TP1 (consciência), TP2 (extroversão), TP3 (desapropriedade), TP4 (neuroticismo), TP5 (abertura à experiência).

Fonte: Dados de Pesquisa

Em relação à análise da correlação variável, a Tabela 2 indica uma relação negativa e significativa entre o SCCB e o BEF, porém, indica uma relação positiva e significativa com a FE e o TP1.

A Tabela 3 apresenta os resultados dos modelos de regressão múltipla. Tais regressões foram realizadas para verificar as relações entre as variáveis dependente e independente. Para facilitar a compreensão da análise, os resultados são apresentados na ordem dos três modelos apresentados na seção 3 deste artigo.

Tabela 3 - Regressão multivariada

Variável dependente	Variável independente	Coefficiente padronizado	t	Próprio.	R ²	Durbin Watson
SCCB Modelo 1	Const	30,103		0,000***	0,078	2,111
	BEF	-0,279	-4,049	0,000***		
SCCB Modelo 2	Const	21,348		0,045**	0,249	1,967
	BEF	-0,147	0,253	0,801		
	TP_1	-0,100	0,372	0,711		
	TP_2	0,341	1,403	0,162		
	TP_3	0,198	0,920	0,359		
	TP_4	0,065	0,347	0,729		
	TP_5	-0,119	0,598	0,551		
	MOD_BEF*TP1	0,794	1,803	0,073*		
	MOD_BEF*TP2	-0,778	-2,163	0,032**		
	MOD_BEF*TP3	-0,323	0,826	0,410		
SCCB Modelo 3	Const	30,391		0,000***	0,199	1,972
	BEF	-0,645	-3,089	0,002**		
	EF	-0,053	0,271	0,787		
	MOD_BEF*EF	0,536	2,042	0,042**		

Significância no nível de 0,01 - ** Significância no nível de 0,05 - * Significância no nível de 0,10. Variáveis: SCCB (autocontrole no comportamento do consumidor), BEF (bem-estar financeiro), EF (educação financeira), TP (traço de personalidade), TP1 (consciência), TP2 (extroversão), TP3 (desapropriedade), TP4 (neuroticismo), TP5 (abertura à experiência).

Fonte: Dados de Pesquisa

De acordo com o resultado do modelo 1 na Tabela 3, destaca-se uma relação negativa significativa entre essas variáveis, o que indica que, embora o sinal seja negativo, não há problemas com o modelo.

Além disso, foi realizado o teste Durbin-Watson, que segundo Fávero et. al (2009) é um teste para verificar a autocorrelação do modelo, que não indicou a presença de autocorrelação nos resíduos de regressão. Este resultado refere-se à aceitação da hipótese H1 e explica que *O bem-estar financeiro está positivamente relacionado ao autocontrole no comportamento do consumidor.*

Ao contrário das expectativas, foram encontradas diferenças em relação ao estudo de Strömbäck e colegas (2017). Eles descobriram que pessoas com um bom nível de autocontrole tendem a ter um melhor comportamento financeiro global, tendem a estar menos preocupadas com questões financeiras e a se sentirem mais confiantes sobre a situação financeira futura. No entanto, investigaram o BEF subjetivo e não realizaram testes para medir especificamente o SCCB. A razão não é clara, mas pode estar relacionada com o senso das pessoas de seu BEF. Uma possível explicação para isso pode ser que a BEF funcione como uma força motriz que estimule o aumento do consumo de bens e serviços, podendo, assim, constituir um pseudo sentimento de autocontrole, o que pode levar ao consumo excessivo e resultar em problemas econômicos (Campbell, 2018).

Nesse sentido, não é possível afirmar que todos os indivíduos com noção de seu BEF terão a mesma capacidade de monitorar e regular seus pensamentos (Haws et al., 2012), economizar mais e gastar menos do que sua situação financeira permite no presente. Tal afirmação baseia-se no estudo conduzido por Haws e colegas (2012) que conceitua o SCCB como uma diferença individual, distinta do autocontrole geral relacionado à consciência do consumidor das consequências futuras do comportamento atual. Consequentemente, tal achado ajuda a explicar por que o presente estudo encontrou uma relação negativa entre o BEF e o SCCB.

Em seu estudo, Kahneman (2011) explica que o crescimento médio do bem-estar experiente, aliado a renda superior a US\$ 75.000 por ano, é precisamente zero, já que esses indivíduos têm uma capacidade reduzida de desfrutar dos pequenos prazeres da vida. No entanto, com um tamanho amostral tão pequeno, os resultados devem ser lidos com cautela. É importante ter em mente o possível viés nessas respostas, como a realidade socioeconômica local dos entrevistados.

As informações obtidas do modelo 2 na Tabela 3 permitem analisar os resultados da moderação entre os cinco TP e BEF, pois isola o efeito sobre o SCCB por meio das características das pessoas. Nesse modelo, o coeficiente de determinação do valor de R^2 de 0,249 mostra que o modelo explica os valores observados no patamar de 24%. Isso mostra que traços de personalidade influenciam a relação entre bem-estar financeiro e autocontrole no comportamento de consumo em um nível mais elevado de significância quando analisados por moderação.

O teste Durbin-Watson (1.967) aproximado de 2, indica que não há correção automática entre os resíduos do modelo, portanto, o modelo 2 não apresenta problemas de autocorrelação.

De acordo com nossas expectativas, quando o BEF é moderado por TPs é possível observar algumas relações positivas. O modelo 2 mostra que, com moderação com o traço de consciência (TP1) o resultado é revertido para uma relação positiva significativa no nível ($p < 10$). Além disso, observa-se uma tendência para uma relação positiva também com a abertura do traço de personalidade para a experiência (TP5). No entanto, apenas foi observado relação significativa do modelo com o traço de consciência.

Assim, maior SCCB em indivíduos com maior nível de consciência, uma vez que se refere à reflexão dos indivíduos sobre suas ações antes de decidir. Nesse sentido, Donnelly, Iyer e Howell, (2012) apontam que indivíduos altamente conscientes gerenciam melhor seu dinheiro e tendem a economizar, reduzir a dívida e evitar comprar compulsivamente. Isso acontece porque pessoas conscientes podem ter tido um bom desempenho na tarefa de regulação da emoção devido à sua tendência a seguir as instruções de perto (Côté e Gyurak, 2010).

Especificamente, em relação ao bem-estar financeiro, o traço de consciência dos indivíduos está negativamente correlacionado com a dificuldade financeira (Xu, Beller, Roberts e Brown, 2015). Nesse contexto, é possível considerar que pessoas com maior nível de consciência tendem a evitar o transbordamento do consumo para não comprometer sua renda e capacidade de pagamento.

Não foram encontradas evidências positivas para a moderação entre OCCC e extroversão (TP2), uma vez que o teste apresentou resultado negativo e significativo (0,032), indicando que indivíduos com maior nível de extroversão tendem a ter menos SCCB. Tal descoberta é apoiada por Brown e Taylor (2014), que explicam que pessoas mais conscientes tendem a ter valores de dívida inversas. De acordo, Donnelly e Howel (2012) relacionam a extroversão a níveis mais elevados de dívida, característica individual que resulta em taxas mais elevadas de atraso de pagamento, dívida individual e compra compulsória.

Os resultados do modelo 2 permitem a aceitação parcial da hipótese H1a, uma vez que apenas dois traços de personalidade apresentaram relação positiva entre BEF e SCCB, mas é um indicativo que merece ser analisado em amostras maiores e em diferentes condições geográficas e sociais. Finalmente, o modelo 3 testou a moderação entre BEF e EF. O resultado mostra um valor R^2 de 0,199, e apresenta significância estatística ($p < 0,05$) em relação ao SCCB, por isso confirma nossa expectativa. Tal resultado aponta que o BEF, segundo a amostra deste estudo, pode explicar a variável dependente quando moderada por uma variável financeira.

Tais achados concordam com os de Cornwell e Murphy (2016), porque apontam a capacidade de

indivíduos com maior EF processar informações econômicas e tomar decisões financeiras de forma mais consciente. Diante disso, é possível aceitar a hipótese H2, pois a moderação realizada foi suficiente para anular o coeficiente negativo da relação direta entre BEF e SCCB, mostrando que a variável EF é um forte preditor para o aprimoramento do autocontrole dos indivíduos no comportamento do consumidor.

Em geral, esses resultados fornecem uma visão importante da indicação de que indivíduos com níveis mais elevados de EF e um senso de consciência mais agudo tendem a apresentar níveis mais elevados de SCCB. No presente estudo foram utilizadas variáveis cognitivas e subjetivas, e ambas são capazes de afetar o autocontrole no comportamento do consumidor. Nossos resultados estão em consonância com os resultados de Riitsalu e Murakas (2019), que analisaram a relação das variáveis cognitivas e subjetivas em um estudo precursor em Europa, descobrindo que o conhecimento subjetivo apresenta uma relação mais forte com o bem-estar financeiro do que com o conhecimento objetivo.

5 CONCLUSÕES

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre bem-estar financeiro e autocontrole no comportamento do consumidor, moderado por traços de personalidade e educação financeira. Em geral, os resultados obtidos nas regressões indicam que o BEF subjetivo é uma variável controversa e, mesmo que a visão subjetiva individual seja inegavelmente um fator capaz de traduzir o BEF em um melhor comportamento financeiro global (Strömbäck et al. 2017), é necessário considerar que o comportamento do consumidor pode representar um viés decisivo. Diante disso, a aquisição de bens e serviços pode estimular, mesmo temporariamente, os melhores sentimentos dos indivíduos, como pertencer a um grupo, realização pessoal e autoestima.

Diante disso, investigou-se variáveis subjetivas e objetivas para encontrar disfunções comportamentais. Nossos achados indicam que, mesmo quando os indivíduos têm sentimentos de bem-estar financeiro em qualquer momento, isso não significa necessariamente que eles exibem um comportamento de autocontrole no comportamento do consumidor. Nesse sentido, a contribuição deste estudo busca enfatizar que, em relação à tomada de decisões financeiras, o sentimento de bem-estar financeiro pode não ser uma variável determinante, uma vez que seu conceito se refere a algo abstrato que na literatura não está representado em ações objetivas.

Como assumimos, nossos resultados empíricos mostram que o bem-estar financeiro utilizado como variável isolada não é capaz de influenciar o nível de autocontrole no comportamento do consumidor, e somente quando se moderou a análise com os traços de personalidade variáveis e educação financeira, o efeito definido para ser positivo.

As implicações teóricas deste estudo abrem um novo caminho para a investigação da variável SCCB, uma vez que essa variável pode ser analisada de forma dissociada a partir do autocontrole geral, mais utilizado na pesquisa psicológica. Se o seu efeito independente sobre os indivíduos for comprovado, as respostas a questões relacionadas à eficácia das decisões financeiras podem ser mais elucidativas.

Do ponto de vista prático, este estudo gera uma discussão que oferece ao poder público a oportunidade de repensar as políticas de consumo e renda, a fim de buscar o equilíbrio entre bem-estar financeiro e consumo, considerando que há um ponto que indica uma fronteira entre os conceitos e permite um crescimento econômico equilibrado entre as diferentes classes sociais. Uma das limitações deste estudo está relacionada ao uso de medidas subjetivas que podem levar os indivíduos a interpretar questões de forma diferente, por exemplo, o conceito de muito satisfeito para uma pessoa pode representar uma intensidade diferente de emoção para outra pessoa (Kahneman e Krueger, 2006).

A amostra de pós-graduandos também é uma limitação, pois impossibilita a generalização teórica. Acima de tudo, o comportamento financeiro pode mudar ao longo da vida, como explica a teoria do ciclo de vida comportamental (Shefrin e Thaler, 1988). Para futuras pesquisas, há necessidade de estudos que comparam o comportamento do consumidor das famílias e sua demonstração de bem-estar financeiro. Tais resultados podem ser comparados com os resultados de estudos governamentais sobre consumo das famílias. Também podem ser uma oportunidade para estudar os aspectos qualitativos do consumo e seus possíveis efeitos macroeconômicos.

Sugere-se também investigar o perfil de consumo das famílias, comparando famílias com maior e menor nível de bem-estar financeiro. Tal estudo adicionaria evidências às inferências levantadas neste artigo a partir da relação inversa entre o bem-estar financeiro e o autocontrole no comportamento do consumidor.

REFERÊNCIAS

AREN, S., & HAMAMCI, H. N. (2020). Relationship between risk aversion, risky investment intention, investment choices: Impact of personality traits and emotion. *Kybernetes*, 49(11), 2651-2682.

- BIANCH, Milo. (2018). Financial literacy and portfolio dynamics. *The Journal of Finance*, 73(2), 831-859. DOI: <https://doi.org/10.1111/jofi.12605>
- BOISCLAIR, D., LUSARDI, A., and MICHAUD, P. C. (2017). Financial literacy and retirement planning in Canada. *Journal of Pension Economics & Finance*, 16(3), pp. 277-296. DOI: 10.3386/w20297
- BOYCE, C. J. (2010). Understanding fixed effects in human well-being. *Journal of Economic Psychology*, 31(1), 1-16. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.joep.2009.08.009>
- BROWN, M., GRIGSBY, J. VAN DER KLAUW, W., WEN, J., and ZAFAR, B. (2016). Financial education and the debt behavior of the young. *The Review of Financial Studies*, 29(9), 2490-2522. DOI: <https://doi.org/10.1093/rfs/hhw006>
- BROWN, S., and TAYLOR, K. (2014). Household finances and the “big five” personality traits. *Journal of Economic Psychology*, 45, 197-212. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.joep.2014.10.006>
- BRUGGEN, E. C., HOGREVE, J., HOLMLUND, M., KABADAYI, S.; and LOFGREN, M. (2017). Financial well-being: a conceptualization and research agenda. *Journal of Business Research*, 79, 228-237. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.03.013>
- BRUHN, M., LEÃO, L. S., LEGOVINI, A., MARCHETTI, R., and ZIA, B. (2016). The impact of high school financial education: evidence from a large-scale evaluation in Brazil. *American Economic Journal: Applied Economics*, 8(4), 256-295. DOI: 10.1257/app.
- CAMPBELL, C. (2018). *The puzzle of modern consumerism*. In: The romantic ethic and the spirit of modern consumerism. Cultural Sociology. Palgrave Macmillan, Cham. 77-105. DOI: 10.1007/978-3-319-79066-4
- CARPENA, F., COLE, S., SHAPIRO, J., and ZIA, B. (2017). The ABCs of financial education: experimental evidence on attitudes, behavior, and cognitive biases. *Management Science*, 1-24. DOI: <https://doi.org/10.1287/mnsc.2017.2819>
- CHU, Z., WANG, Z., XIAO, J. J., and ZHANG, W. (2017). Financial Literacy, Portfolio choice and financial well-being. *Social Indicators Research*, 132(2), 799-820. DOI: 10.1007/s11205-016-1309-2
- CLARK, R. L., AmbrOsio, M. B., MACDERMED, A. A., and SAWANT, K. (2006). Retirement plans and saving decisions: the role of information and education. *Journal of Pension Economics and Finance*, 5(1), 45-67. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1474747205002271>
- COOPER, K. B., HEFFETZ, O., and Kimball, M. (2017). Challenges in constructing a survey-based well-being index. *American Economic Review*, 107(5), 81-85. DOI: 10.3386/w23111
- CORNWELL, C., MURPHY, A. (2016). High school financial literacy mandate could boost Texans' economic well-being. *Southwest Economy*, Q1, 10-13. Retrieved from SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2759751>
- CORRAR, L. J.; PAULO, E.; DIAS FILHO, J. M. (2014). *Análise multivariada*. 1. Ed. - 5. Reimp. São Paulo: Atlas.
- COSTA, P. T. Jr., MCCRAE R. R., DYE, D. A. (1991). Facet scales for agreeableness and conscientiousness: a revision of the NEO personality inventory. *Personality and Individual Differences*, 12(9), 887-898. DOI: [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(91\)90177-D](https://doi.org/10.1016/0191-8869(91)90177-D)
- CÔTÉ, S.; and GYURAK, A. (2010). The ability to regulate emotion is associated with greater well-being, income, and socioeconomic status. *Emotion*, 10(6), 923-933. DOI: 10.1037/a0021156
- DEATON, A. (2011). The financial crisis and the well-being of americans: 2011 OEP hicks lecture. *Oxford Economic Papers*, 64(1) 1-26. DOI: 10.1093/oep/gpr051
- DIENER, E., DIENER, R. B. (2002). Will money increase subjective well-being? A literature review and guide to needed research. *Social Indicators Research*, 57, 119-169. Retrieved from <https://link-springer-com.ez71.periodicos.capes.gov.br/article/10.1023/A%3A1014411319119>
- DIENER, E., SELIGMAN, M. E. P. (2004). Beyond money: *toward an economy of well-being*. *Psychological Science in the Public Interest*, 5(1), 1-31. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2004.00501001.x>

- DIENER, E., SUH, E. M., LUCAS, R. E., and SMITH, H. L. E. (1999). Subjective well-being: three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302. DOI:10.1037/0033-2909.125.2.276
- DINEGDE, H. G., BEKELE, A. E., & SIMA, A. D. (2022). The impact of cash saving on the food security status of smallholder coffee farmers: evidence from southwest Ethiopia. *International Journal of Social Economics*, 49(10), 1497-1517.
- DOLAN, P., PEASGOOD, T., and WHITE, M. (2008). Do we really know what makes us happy? A review of the economic literature on the factors associated with subjective well-being. *Journal of Economic Psychology*, 29(1), 94-122. DOI: 10.1016/j.joep.2007.09.001.
- DONNELLY, G., IYER, R., and HOWELL, R. T. (2012). The Big Five personality traits, material values, and financial well-being of self-described money managers. *Journal of Economic Psychology*, 33(6), 1129-1142. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.joep.2012.08.001>
- FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P.; SILVA, F. L.; CHAN, B. L. Análise de dados – Modelagem multivariada para tomada de decisões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- FERNANDES, D., LYNCH, Jrº. J. D., and NETEMEYER, R. G. (2014). Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors. *Management Science*, 60(8), pp. 1861-1883. DOI: <https://doi.org/10.1287/mnsc.2013.1849>
- GAUDECKER, H. M. V. (2015). How does household portfolio diversification vary with financial literacy and financial advice? *The Journal of Finance*, LXX (2), 489-507. DOI: <https://doi.org/10.1111/jofi.12231>
- GIGLIO, E. (2011). O comportamento do consumidor. 4. ed. São Paulo, Cengage Learning.
- GONZA, G., and BURGER, A. (2017). Subjective well-being during the 2008 economic crisis: identification of mediating and moderating factors. *Journal of Happiness Studies*, 18(6), 1763-1797. DOI: <https://doi.org/10.1007/s1090>
- GUTIÉRREZ, J. L. G., JIMÉNEZ, B. M., HERNÁNDEZ, E. G., and PUENTE, C. P. (2005). Personality and subjective well-being: big five correlates and demographic variables. *Personality and Individual Differences*, 38(7), 1561-1569. DOI: 10.1016/j.paid.2004.09.015
- GUTTER, M., and COPUR, Z. (2011). Financial behaviors and financial well-being of college students: evidence from a national survey. *Journal of Family and Economic Issues*, 32(4), 699-714. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10834-011-9255-2>
- HASTINGS, J. S., MADRIAN, B. C., and SKIMMYHORN, W. L. (2013). Financial literacy, financial education and economic outcomes. *Annual Review of Economics*, 5, 347-373. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-economics-082312-125807>
- HAWS, K., BEARDEN, W. O., and NENKOV, G. Y. (2012). Consumer spending self-control effectiveness and outcome elaboration prompts. *Journal of Academic Mark. Science*, 40, 695-710. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11747-011-0249-2>
- HUSTON, S. J. (2010). *Measuring of financial literacy*. The Journal of Consumer Affairs, 44(2), 296-316. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x>
- JUDGE, T. A., HIGGINS, C. J. T., and BARRICK, M. R. (1999). The big five personality traits, general mental ability, and career success across the life span. *Personnel Psychology*, 52(3), 621-652. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1744-6570.1999.tb00174.x>
- KAHNEMAN, D., and KRUEGER, A. B. (2006). Developments in the measurement of subjective well-being. *Journal of Economics Perspectives*, 20(1), 3-24. DOI: 10.1257/089533006776526030
- KOURTIDIS, D. (2017). The role of personality traits in investors trading behaviour: empirical evidence from Greek. *International Journal of Social Economics*, 44(11), 1402-1420. DOI: <https://doi.org/10.1108/IJSE-07-2014-0151>
- KRISTOFFERSEN, I. (2018). Great expectations: education and subjective wellbeing. *Journal of Economic Psychology*, 66, 64-78. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.joep.2018.04.005>

- KUHNEN, C. M., and MELZER, B. T. (2018). Noncognitive abilities and financial delinquency: the role of self-efficacy in avoiding financial distress. *The Journal of Finance*, 73(6), 2837-2869. DOI: <https://doi.org/10.1111/jofi.12724>
- KUMAR, P., PILLAI, R., KUMAR, N., & TABASH, M. I. (2023). The interplay of skills, digital financial literacy, capability, and autonomy in financial decision making and well-being. *Borsa Istanbul Review*, 23(1), 169-183.
- LUSARDI A., MICHAUD P. C., and MITCHELL O. S. (2017). Optimal financial literacy and wealth inequality. *Journal of Political Economy*, 125(2), 431-477. DOI: 10.1086/69095
- MACDONALD, M., and DOUTHITT, R. A. (1992). Consumption theories and consumers' assessments of subjective wellbeing. *The Journal of Consumer Affairs*, 26(2), 243-261. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.1992.tb00026.x>
- MAO, T., PAN, W., ZHU, Y., YANG, J., DONG, Q., and ZHOU, G. (2018). Self-control mediates the relationship between personality trait and impulsivity. *Personality and Individual Differences*, 129, 70-75. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.03.013>
- MEIER, S., and SPRENGER, C. D. (2013). Discounting financial literacy: Time preferences and participation in financial education programs. *Journal of Economics Behaviour & Organization*, 95, 159-174. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2012.02.024>
- MOGILNER, C., WHILLANS, A., and NORTON, M. I. (2018). Time, money and subjective well-being. In E. Diener, S. Oishi, and L. Tay (Eds.), *Handbook of Well-Being*. Noba Scholar Handbook series: Subjective well-being. Salt Lake City, UT: DEF publishers. DOI: nobascholar.com
- MORGAN, P. J., & TRINH, L. Q. (2019). Determinants and impacts of financial literacy in Cambodia and Viet Nam. *Journal of Risk and Financial Management*, 12(1), 19.
- MPAATA, E., KOSKE, N., & SAINA, E. (2023). Does self-control moderate financial literacy and savings behavior relationship? A case of micro and small enterprise owners. *Current Psychology*, 42(12), 10063-10076.
- NANDA, A. P., & BANERJEE, R. (2021). Consumer's subjective financial well-being: A systematic review and research agenda. *International Journal of Consumer Studies*, 45(4), 750-776.
- NETEMEYER, R. G., WARMATH, D., FERNANDES, D., and LYNCH Jr. J. G. (2017). How am I doing? perceived financial well-being, its potential antecedents, and its relation to overall well-being. *Journal of Consumer Research*, 45(1), 68-89. DOI: <https://doi.org/10.1093/jcr/ucx109>
- NEVE, J., WARD, G., KEULENAER, F., and LANDEGHEM. (2018). The asymmetric experience of positive and negative economic growth: global evidence using subjective well-being data. *The Review of Economics and Statistics*, 100(2), 362-375. DOI: https://doi.org/10.1162/REST_a_00697
- NORVILITS, J. M., SZABLICKI, P. B., and WILSON, S. D. (2003). Factors influencing levels of credit-card debt in college students. *Journal of Applied Social Psychology*, 33(5), 935-947. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2003.tb01932.x>
- PONCHIO, M. C., CORDEIRO, R. A., & GONÇALVES, V. N. (2019). Personal factors as antecedents of perceived financial well-being: evidence from Brazil. *International Journal of Bank Marketing*, 37(4), 1004-1024.
- QUINTANA, A., and PACHECO, K. V. (2018). Percepção dos estudantes do ensino fundamental sobre a educação financeira e o consumo consciente. *Revista Educação Online*, 27, 130-150. Recuperado de <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/361/191>
- RIITSALU, L., MURAKAS, R. (2019). Subjective financial knowledge, prudent behaviour and income: the predictors of financial well-being in Estonia. *International Journal of Bank Marketing*, DOI: <https://doi.org/10.1108/IJBM-03-2018-0071>
- ROSELL, P. D., TORTORA, R., BIRD, J. (2018). International determinants of subjective well-being: living in a subjectively material world. *Journal of Happiness Studies*, 19(1), 123-143. DOI: doi: 10.1007/s10902-016-9812-3

- RYAN, R., and DECI, E. L. (2001). On happiness and human potential: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.141>
- SACKS, D. W., STEVENSON, B., & WOLFERS, J. (2012). The new stylized facts about income and subjective well-being. *Emotion*, 12(6), 1181-1187. DOI: 10.1037/a0029873
- SAUCIER, G. (1994). Mini-markers: a brief version of goldberg's unipolar big-five markers. *Journal of personality assessment*, 63(3), 506-516. DOI: https://doi.org/10.1207/s15327752jpa6303_8
- SHEFRIN, H.M., THALER, R.H. 1988. The behavioral life-cycle hypothesis. *Econ. Inquiry*, 26 (4), 609–643
- SHIM, S., BARBER, B. L., CARD, N. A., XIAO, J. J., and SERIDO, J. (2010). Financial socialization of first-year college students: the roles of parents, work, and education. *Journal of youth and adolescence*, 39(12), 1457-1470. DOI: 10.1007/s10964-009-9432-x
- SILVA, M. C. (2018). Dissertação de Mestrado. *O efeito do autocontrole sobre a influência da comunicação boca a boca eletrônica na decisão do consumidor*. Universidade Federal de Uberlândia-UFU, Uberlândia-MG, Brasil. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.552>
- SONTIC, A. B-S., CZAP, N. V., and FUERST, F. (2017). The role of personality traits in green decision-making. *Journal of Economic Psychology*, 62, 313-328. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.joep.2017.06.012>
- STRÖMBÄCK, C., Lind, T., SKAGERLUND, K., VÄSTFJÄLL, D., and TINGHÖG, G. (2017). Does self-control predict financial behavior and financial well-being? *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 14, 30-38. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2017.04.002>
- STUTZER, A. (2004). The role of income aspirations in individual happiness. *Journal of Economic Behaviour and Organisation*, 54, 89-109. DOI: 10.1016/j.jebo.2003.04.003
- TANGNEY, J. P., BAUMEISTER, R. F., and BOONE, A. L. (2004). High self-control predicts good adjustment, less pathology, better grades, and interpersonal success. *Journal of Personality*, 72(2), 271–324. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0022-3506.2004.00263.x>
- TINGHÖG, G., AHMED, A., BARRAFREM, K., Lind, T., SKAGERLUND, K., & VÄSTFJÄLL, D. (2021). Gender differences in financial literacy: The role of stereotype threat. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 192, 405-416.
- WATSON, D, CLARK, L.A. (1997). Extraversion and its positive emotional core. In Hogan R, Johnson J, Briggs S (Eds.), *Handbook of personality psychology* (pp. 767-793). San Diego, CA. Academic Press.
- WILLIS, L. E. (2011). *The financial education fallacy*. *The American Economic Review*, 101(3), 429-434. DOI: 10.1257/aer.101.3.429
- XIAO, J. J., CHEN, C., CHEN, F. (2014). Consumer financial capability and financial satisfaction. *Social Indicators Research*, 118(1), 415-432. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0414-8>
- XU, Y., BELLER, A. H., ROBERTS, B. W., and BROWN, J. R. (2015). Personality and young adult financial distress. *Journal of Economic Psychology*, 51, 90-100, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.joep.2015.08.010>
- ZELEKE, A. T., & ENDRIS, A. K. (2019). Household saving behavior and determinants of savings in financial institutions: The case of Derra District, Oromia Region, Ethiopia. *Research Journal of Finance and Accounting*, 10(23), 2222-2847.
- ZEMKE, R., RAINES, C., and FILIPCZAK, B. (2000). *Generations at work: managing the clash of Veterans. Boomers, Xers, and Nexters in your Workplace*. AMACOM, New York, NY.